

## **INTER-LEGERE**

---

**DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)**

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

**DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)**

**FROM BAR TO PUB: HOMOSSOCIABILITY AND GAY IDENTITY IN  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)**

Joseane de Souza<sup>1</sup>

Rafael Simões Mendes Oliveira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O consumo constrói tanto pontes como cercas. Ao pensarmos em todo o histórico de opressão que os homossexuais sofreram ao longo dos tempos nas sociedades ocidentais, percebemos que os contextos e os discursos sobre a homossexualidade mudaram e se adaptaram às sociedades capitalistas e de consumo. Em diversas cidades, e em especial nas capitais brasileiras, todo um mercado voltado para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) foi construído, possibilitando a emergência de identidades gays atreladas aos bens de consumo. Partindo da relação entre consumo e

---

<sup>1</sup>Doutora e mestre em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), lotada no Laboratório de Gestão e Políticas Públicas (LGPP) do Centro de Ciências do Homem (CCH). Docente nos cursos de Graduação em Administração Pública e Ciências Sociais e do Programa de pós-graduação em Sociologia Política. Áreas de pesquisa: migrações internas, migrações intrametropolitanas, expansão urbana e movimentos pendulares. E-mail: joseanedesouza.souza@gmail.com.

<sup>2</sup>Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF-RJ). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Educador socioambiental. Áreas de pesquisa: gênero, sexualidade, sociologia. E-mail: rafasmendes@hotmail.com.

# INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

identidade gay, buscamos averiguar quais são os espaços de consumo e homosociabilidade voltados aos gays na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro e polo regional do Norte Fluminense. Para tanto, serão problematizadas questões como: a homofobia sofrida por esses homossexuais; a adaptação dos estabelecimentos noturnos na opinião dos homossexuais; o consumo de lugares e bens e os marcadores sociais de diferença.

**Palavras-chave:** Consumo. Identidade. Homossexualidades. Lugares.

## ABSTRACT

Consumption can build bridges, but also fences, as Mary Douglas already warned us. When we think about all history of oppression that homosexuals have been through over the years in Western societies, we realize that contexts and discourses on homosexuality changed and adapted to capitalist and consumption societies. In several cities, specially Brazilian capital cities, an entire market was built focusing lesbians, gays, bisexuals, transvestites, transsexuals and transgenders (LGBT) enabling the arise of gay identities linked to consumer goods. From the relation between consumption and gay identity, we try to ascertain which are the consumption and homosociability spaces focused on gays in Campos dos Goytacazes city (RJ). Therefore, some points like: the homophobia suffered by these homosexuals; adaptation of night clubs in homosexuals opinion; consumption of place and goods and social bookmarkers of difference were questioned.

**Keywords:** Consumption. Identity. Homosexuality. Places.

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

### **CAMPOS, TERRA DO AÇÚCAR, DO MELADO (E DO PETRÓLEO)**

A cidade de Campos dos Goytacazes faz parte da região do Norte Fluminense, possui cerca de 463.730 habitantes e uma área de 4.026,696 km<sup>2</sup>, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup>. O Norte Fluminense despontou enquanto região reelaborada com uma nova identidade nos anos 1970 graças também à ação política das elites locais que, ao enfrentar uma situação de crise, almejaram resgatar e promover o desenvolvimento regional. Desejosa de recuperar a notoriedade nacional e dar vigor a uma identidade regional, da qual derivou a ideia de um “passado glorioso” que a região possuiria do século XIX até o meio do século XX, a alta sociedade ligada à pecuária, ao café e à agroindústria açucareira aplicou capital e investiu no desenvolvimento das indústrias sucroalcooleiras. A elite regional utilizou-se de estratégias, com a intenção de visibilizar e defender seus interesses, como acordos com a imprensa, a burocracia, políticos e técnicos locais e de instâncias maiores. Essa estratégia originou, por meio de um viés conservador, patrimonialista e tutelado, uma aproximação à modernização.

A proposta de desenvolvimento da região mascarou essa face conservadora, que negou um discurso pautado na diversidade, subjugando-o a um planejamento regional organizado por elites. A problemática social emergiu então com elementos ligados ao trabalho no campo e à exclusão social. Hoje, nem os royalties recebidos pela região atenuam a pobreza e exclusão que parte da população sofre (CRUZ, 2006).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2j2ko74>>. Acesso em: 10 out. 2017. Outras informações referentes ao perfil da cidade podem ser encontradas em: <<http://bit.ly/2k6oO9t>>. Acesso em: 10 out. 2017.

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

### **METODOLOGIA: “EM CADA ESQUINA UMA PUTA, EM CADA JANELA UM VIADO”<sup>4</sup>**

Segundo Cruz (2006), o Norte Fluminense, com o investimento dos royalties, passou a ser um núcleo universitário, absorvendo estudantes de diversas cidades da região, bem como de estados próximos, como Espírito Santo e Minas Gerais. Em Campos dos Goytacazes, além da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), existem outras instituições de ensino superior públicas, como a Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Instituto Federal Fluminense (IFF), e privadas, como a Candido Mendes, a Estácio e as faculdades de medicina e direito. Dessas instituições, a UFF, o IFF e a Candido Mendes possuem coletivos organizados de discentes e promovem atividades relacionadas aos direitos e vivências LGBT.

Nesse sentido, a comunidade universitária foi um dos pontos de partida para iniciar a pesquisa na cidade, tendo em vista que os assuntos dialogados nessas atividades se traduzem na participação de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais universitários ou próximos da universidade de alguma forma. Vieira (2010) destaca as relações de amizade entre universitários LGBT como espaços de vivência conjunta de suas sociabilidades. As redes de amizade cumprem um papel essencial nessas sociabilidades, e cada espaço universitário voltado ao diálogo e à vivência LGBT conforma um território constituído por redes de amizade, mas também com modelos próprios de sociabilidade e vivência.

---

<sup>4</sup> A expressão “Campos, terra do açúcar e do melado, em cada esquina uma puta, em cada janela um viado” foi utilizada em alguns momentos durante o campo exploratório, principalmente por gays e lésbicas nascidos na cidade, passando a ideia de que a cidade de Campos dos Goytacazes possui uma quantidade visível de homossexuais. A “puta” referida no ditado, por sua vez, faz menção à popular avenida Formosa, localizada na região central da cidade, cujas ruas são povoadas à noite por prostitutas, em sua maioria travestis.

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

Uma vez que trabalharemos o meio urbano e, mais especificamente, uma população inserida nesse meio, algumas preocupações fazem-se presentes. Como afirma Gilberto Velho (2002), um passo importante é entender o ponto de vista da população pesquisada, ouvindo e entendendo como esta enxerga o mundo, tentando despir-se tanto dos preconceitos quanto do paternalismo – este último potencialmente perigoso quando se faz parte da população pesquisada. Nesse sentido, o trabalho de campo possui uma importância enorme, permitindo perceber elementos nem sempre pontuados na fala dos entrevistados. O contato com o campo veio através de pessoas homossexuais ou ligadas à cena LGBT, que indicaram alguns lugares que teriam sua imagem atrelada a um público gay.

Com o intuito de não expor os lugares, respeitando os pedidos dos proprietários, utilizamos como substitutos qualificações usadas pelos próprios frequentadores, tendo assim “o quiosque” e a “boate” designando estabelecimentos voltados para gays – e que na atualidade encontram-se com as atividades encerradas – numa Campos dos Goytacazes do passado. A observação etnográfica se deu nos três estabelecimentos mais apontados como *gay friendly* ou até mesmo como gays, vistos assim – senão por seus proprietários – pelos próprios gays e por pessoas que muitas vezes deixam de frequentar esses espaços por estes serem identificados como “lugares para gay”. Estes três estabelecimentos são: o Bar, o Boteco e o Pub, e em especial esse último, uma vez que no decorrer de nosso campo “assumiu” um dia específico, voltado para os gays.

Por meio do método bola de neve, buscamos conhecer e encontrar homens homossexuais dispostos a participar da averiguação. Como a pesquisa propõe lidar com questões íntimas, como a sexualidade, pensou-se que este método propiciaria uma inserção mais rápida e segura no campo. A partir dos primeiros entrevistados, tentou-se chegar a outros entrevistados que compartilham da mesma condição sexual, a homossexualidade. Utilizando

# INTER-LEGERE

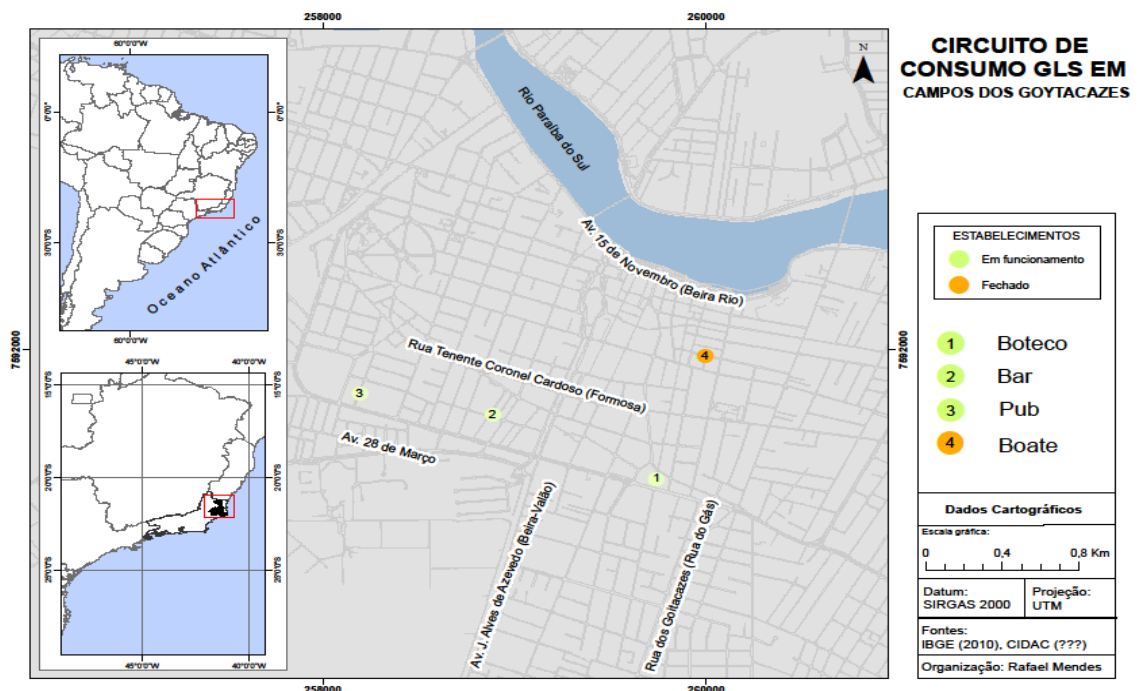
## DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

ainda o recurso das entrevistas semiestruturadas buscou-se averiguar a relação dos homossexuais entrevistados com o consumo.

A etnografia teve início em junho de 2015 e foi finalizada em fevereiro de 2016. O Bar e o Boteco foram frequentados em menor proporção, comparativamente ao Pub, locus maior da pesquisa. Foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com 15 homens homossexuais escolhidos de forma a obter a maior diversidade possível quanto a cor/raça, geração, classe social, escolaridade e também de residência, uma vez que Campos tem uma ponte que “divide a cidade em duas”, como tanto ouviu-se em campo: Campos em sua centralidade e a região de Guarus. Dialogamos ainda com outros gays e lésbicas, assim como com pessoas ligadas aos estabelecimentos pesquisados: três proprietários (dois donos do Pub e o dono do Bar) e cerca de sete funcionários dos três estabelecimentos (Pub, Bar e Boteco), além da dona da extinta boate e quiosque LGBT de Campos.

Mapa 1—Circuito de consumo LGBT em Campos dos Goytacazes



## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

Brito (2006) explica que as interações, sociabilidades, ambientes e situações determinadas são práticas que criam e reforçam territórios de pertencimento e identidade social.

Como destacou Isadora Lins França (2012), o mercado direcionado para gays não atende simplesmente a uma demanda preexistente dos homossexuais, mas colabora na construção de categorias identitárias, de estilos de vida e até mesmo de sujeitos. Contudo, diferente da pesquisa da autora, que se dá na cidade de São Paulo, a presente pesquisa debruçou-se sobre uma cidade de médio porte e com um grande conservadorismo, como pode ser constatado pelo fato dos lugares pesquisados terem surgido tardiamente, junto com o início desta pesquisa.

Assim, através das entrevistas, tentou-se entender como o consumo, propiciado pela cidade de Campos, atua enquanto marcador de distinção social (BOURDIEU, 2007; DOUGLAS et al., 2004), interferindo nas subjetividades dos homossexuais e nas suas relações com outros homossexuais de diferentes posições sociais (cor/raça, geração, escolaridade). Procurando entender a relação dos homossexuais com a cidade, tentamos ainda fazer um pequeno mapeamento dos lugares nos quais os gays residentes do município e das cidades vizinhas não só consomem o espaço e os bens materiais, mas também vivenciam sua afetividade/sexualidade, interagindo com riscos menores de sofrer com a homofobia ou a discriminação.

### **O BAR, O BOTEÇO E O PUB: ESPAÇOS DE (HOMO)SOCIABILIDADE E CONSUMO**

O Boteco é localizado na região central de Campos dos Goytacazes, razoavelmente próximo ao Bar, mas com um público distinto deste, embora ambos frequentem as festas da UFF. A estrutura do Boteco é a de um bar

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

simples, com karaokê e jogos de bilhar. As mesas de plástico com logos de cervejas são colocadas no espaço (e na rua) pelos próprios clientes, em sua maioria jovens estudantes da UFF, embora não apenas. Junto aos jovens da UFF, malabaristas e outros artistas de sinal, descritos por alguns como “hippies”, também são assíduos frequentadores do espaço. Na esquina do espaço, é usual ver pessoas utilizando maconha ou cocaína em grupos de quatro ou cinco pessoas.

Muitos entrevistados falaram do lugar, embora, a princípio, no campo exploratório, não tenha ficado evidente o porquê desse espaço ser considerado por muitos um “espaço gay”.

*Lá eu fico à vontade. A cerveja é barata, as pessoas são simples. Ninguém tá nem aí pra pessoa. Se é “viado”, se é “sapatão”. Todo mundo é igual. Não gosto desses lugares gays também, sabe!? Todo mundo é esnobe. A pessoa tem que ter esse cabelo, essa roupa, senão ninguém quer nem papo (Vitor, 19 anos, negro, campista).*

*Olha, eu até vou no Pub, por exemplo. Mas aqui [no Boteco] eu fico mais à vontade para tomar minha cerveja sem querer saber se alguém é gay ou heterossexual (Hugo, 30 anos, branco, gerente de loja).*

*Cara, as pessoas nesses espaços gays são muito preconceituosas. Tem preconceito com pobre, com negro, com gordo, com quem tá “malvestido”. Cansei disso. Prefiro frequentar espaços onde todo mundo é igual. Tem maconheiro, tem “trincado”, tem viado, tem até mendigo (Emerson, 25 anos, branco, estudante, fidelense, soropositivo declarado).*

Percebe-se que esse espaço propicia uma “fuga” do gueto gay e das normas de vestuário e comportamento que podem ser duras para quem não se encaixa no padrão exigido, seja por classe social, cor/raça, idade ou outro atributo.

O Bar situa-se no centro da cidade, nos arredores da Pelinca, bairro cujos imóveis têm o metro quadrado mais caro da cidade. A Pelinca é uma rua



## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

contornada por outras ruas que possui um centro de compras no qual a classe média e média alta campista faz suas compras. É importante situar o local, uma vez que tanto o Bar quanto o Pub encontram-se nessas imediações. Além de prédios e casas, a Pelinca possui inúmeras lojas de roupas e vestuário de marcas caras, redes farmacêuticas, grandes lojas de varejo, shoppings centers, centros de compras, restaurantes, joalherias, lanchonetes e outros tipos de comércio. É entremeada por diversos e expansivos bares e boates que movimentam a cidade e sua classe média nas noites de terça à sábado, alguns inclusive no domingo, muitos dos quais evitados pelos homossexuais entrevistados em virtude de uma possível “cara torta” ou da apreensão de sofrer violência homofóbica.

Já o Bar está situado numa encruzilhada, próximo ao shopping local. O dono do estabelecimento evitou conversar sobre o seu ambiente enquanto local de homossociabilidade, dizendo, em resumo, tratar-se de “um lugar para todo mundo, desde que com respeito”. Alguns funcionários explanaram sobre a massiva presença de homossexuais e a caracterização do Bar enquanto um “lugar gay”. O Bar dispõe de um ambiente externo, com mesas de madeira que são colocadas na rua após a abertura do estabelecimento, e de um ambiente interno, com mesas e cadeiras para as pessoas que desejam ficar mais à vontade. Salienta-se que, após o fechamento do Bar, muitos dos frequentadores permanecem na rua, bebendo, conversando e – como muitos dos entrevistados homossexuais expuseram – “em busca de pegação”, o que não ocorre no período em que o Bar está aberto. Muitos então vão aos “pés-sujos” mais próximos, onde é mais fácil “descolar um sexo”, como afirmou Lucas (18 anos, branco, universitário, campista) cuja turma, de faixa etária entre 17 e 23 anos, costuma sair após o fechamento do Bar em busca de sexo em bares menores ou até mesmo comprar o sexo, quando não possível obtê-lo, como afirmou Ronaldo (47 anos, branco, gay, vendedor, campista).

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

De terça a sábado, as atrações do Bar variam, com DJs que tocam pop, black music, funk e música eletrônica na parte interna do espaço. Notavelmente, a música internacional é que rege o ambiente. Existe em frente ao equipamento dos DJs um espaço livre onde muito raramente as pessoas dançam, ainda que na esmagadora maioria das vezes o Bar esteja cheio. Nas sextas-feiras, o lugar enche a ponto de as pessoas ocuparem as ruas paralelas. São nessas ruas onde ocorre o uso de substâncias psicoativas, especialmente a maconha e a cocaína. O estilo de vestuário é o mesmo dos frequentadores do Pub, em parte porque são os mesmos homossexuais que frequentam os dois lugares. O público do espaço pertence às mais variadas faixas etárias e sexualidades (gays, heterossexuais, bissexuais e lésbicas), e, embora seja perceptível uma maioria heterossexual, em todas as entrevistas o Bar foi referenciado como um lugar “gay”.

Em seu surgimento, o objetivo do Bar foi atingir um público diferente: skatistas. Com o passar dos meses, o público universitário, especialmente os alunos da UFF, começaram a interagir e frequentar o ambiente, dando novos ares de “alternatividade” para o espaço, embora, segundo alguns, a contragosto do dono do espaço. O “beijo gay-lésbico” é proibido dentro do espaço. Em dado momento, presenciou-se o dono do estabelecimento pedindo a um casal lésbico que estava dentro do Bar para que parassem de se beijar. Posteriormente, em conversa com funcionários do estabelecimento, fomos informados de que haveria uma proibição de que homossexuais se beijassem dentro do espaço, por ser “desrespeitoso”:

*É porque também tem hétero, aí eles não gostam que fiquem assim, se beijando, se acariciando [...]. Aqui eles vêm mais para conhecer, para paquerar. Daí eles vão para outro lugar. Vêm muitos casais também, mas tem que respeitar as regras (Laura, 22 anos, lésbica, funcionária do Bar).*

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

Alguns dos entrevistados disseram preferir o espaço a outros, mesmo com suas interdições:

*Eu gosto, me sinto à vontade. Não acho nada demais não poder beijar. Na verdade, acho até feio ver casal, seja hétero ou gay, “se pegando em público. Venho pro Bar pra ver outros “viados”, tomar uma bebida e socializar. Não pra “pegação” (Romário, 22 anos, gay, branco, balconista/vendedor).*

*Se eu quiser pegação vou pra outro lugar. Aqui é um lugar tranquilo, pra sair mais com os amigos mesmo. Rir, falar da vida, de música, de série, de moda. Contar os “babados”, “dar close”. É pra isso que venho no Bar. Se quiser fazer pegação eu vou pra casa ou pro Pub (Ricardo, 18 anos, gay, negro, desempregado).*

Percebeu-se que, além dos homossexuais, outras “tribos urbanas” frequentam o ambiente: skatistas, hippies e pessoas ligadas a esportes como jiu-jitsu e surf. Eventualmente ocorrem conflitos entre homens heterossexuais e gays, especialmente com os mais “afeminados”, mas as brigas logo são apartadas pelo segurança do local. Pudemos entender, então, que apesar de proibidos de se beijarem – de forma expressa ou não tanto – e, assim, de expressarem sua homossexualidade, muitos homossexuais vivenciam esse espaço e não identificam essa atitude como homofóbica. Ao contrário, ressignificam o local como espaço gay e criam estratégias para que possam frequentar o espaço e vivenciar sua homossociabilidade com o mínimo de conflito possível com o dono do Bar ou com outros frequentadores.

O Pub está localizado no final da avenida Pelinca, distante dos bares mais badalados. O fato do local estar mais distante dos espaços percebidos como “hetéro” fez com que algumas pessoas passassem a frequentar o “dia gay” da semana, inicialmente não oficial. A estrutura do Pub também é bastante peculiar, com uma fachada toda preta e uma pequena torre na edificação. Percebeu-se que na sexta-feira a casa é frequentada

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

majoritariamente por gays e lésbicas. Também é na sexta-feira o dia em que a casa atinge sua lotação máxima.

O espaço da entrada dá acesso a um salão com mesas, cadeiras e um palco para DJs e bandas. Embora, em geral, a programação da casa alterne entre as atrações de bandas de rock da cidade, nas sextas-feiras o ritmo que domina é o pop, transformando o salão em pista de dança. Músicas de Lady Gaga, Beyoncé, Madonna, Rihanna e de várias outras artistas do pop identificadas com o público gay são tocadas, em dias específicos ou em festas que homenageiam as artistas. Também ocorrem festas temáticas: anos 90, axé e festas de dragqueens. Em todas elas, o pop internacional domina.

Inicialmente, como nos conta o proprietário, o público LGBT não era um alvo da casa. Os outros sócios e alguns antigos funcionários eram contrários à presença constante dos homossexuais no estabelecimento:

*Era pra ser uma casa de rock. Que tocasse rock. Então eu realmente não tinha essa essa noção, não. De como ia ser. [...] Do público gay mesmo, em Campos, se tinha um público gay grande ou não tinha. E iniciou sem perceber ainda porque lotava muito, né!? Tinha gays de terça a sábado. [...] Aí é que eu acho que veio o preconceito de Campos. O povo sumiu. [...] Essa fama [de lugar gay] foi espalhando, acho que foi vencendo o preconceito do que tinha. Quebrou um pouco essas barreiras aqui de Campos. A galera começou a ver que lá era legal e começou a ir. Mesmo tendo o público gay, o que poderia espantar essa galera (Proprietário, 35 anos, heterossexual).*

*Eu fui repreendido lá no início. Estava com meu namorado e estávamos nos beijando como todo mundo heterossexual estava. Daí o gerente veio até a gente e pediu que parássemos ou ele teria que pedir pro segurança colocar a gente pra fora (Renan, 24 anos, negro, gay, universitário, carioca).*

*O público que frequentava a casa não frequenta mais. Em todos os lugares vão gays, mas não como aqui. Os donos do lugar e o gerente não gostaram. Não queriam que o ambiente ficasse com fama de gay. E ficou, né!? Desde que a festa pop começou a acontecer [no segundo semestre de 2013] os donos*

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

*perceberam que só vinha “viado” e pararam com as festas (Mário, 37 aos, negro, segurança do Pub).*

Ao perceberem que a casa estava deixando de lucrar ao não fazer essas festas, e com a mudança de sócios, os proprietários, após uma grave crise financeira, mudaram de posicionamento quanto aos homossexuais. O proprietário do Pub oficializou um dia LGBT na programação da semana e a página da casa no Facebook passou a divulgar mensagens de combate ao preconceito: “no racism, no sexism, no homophobia” (sem racismo, sem sexismo, sem homofobia). Contudo, a opinião dos funcionários sobre o público diverge bastante: “*Já virou noite das bibas*”, nos disse Jefferson (25 anos, heterossexual, barman), mostrando incômodo com a alta frequência de homossexuais. “*Ontem tava demais. Um quase me comeu com os olhos*” (Pedro, 21 anos, heterossexual, garçom), nos disse outro funcionário, incomodado com uma possível abordagem de algum homossexual. Um dos proprietários (37 anos, heterossexual) nos afirmou que gays são “*muito erotizados*” e exageram. No momento em que isso foi dito, um casal heterossexual se beijava e se agarrava de forma voraz, o que não causou o mesmo espanto. Outros funcionários afirmaram:

*É um público que gosto de trabalhar. São tranquilos, não dão problema ou reclamam de nada. Só querem beijar, dançar, se divertir. Nunca vi uma briga aqui em dia gay. [...] Alguns clientes se incomodam, mas fazer o quê? É bom pra passarem a ter menos preconceito. São pessoas “normais” (Miguel, 24 anos, heterossexual, barman e caixa).*

*Talvez por ser um lugar GLS, todo mundo é muito educado, nunca teve uma briga. Três anos de bar. Nunca teve uma briga. Isso aí... Isso é fantástico. Quando eu falo isso pros outros... Não tem segurança no lugar. Tem um porteiro que é o segurança, mas nunca teve nada (Proprietário, 35 anos, heterossexual).*

A “aceitação” e a complacência são maiores à medida que esse “público” aproxima-se de um determinado padrão hegemônico: o gay branco,

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

burguês e masculino, evitando-se assim afeminados, travestis, pobres, negros e periféricos. Uma vez que o Pub transformou sua estrutura e atrações com o intuito de aproveitar e lucrar em cima do público gay, tendo em vista que este não possui outros lugares voltados para si em Campos dos Goytacazes, podemos pensar no surgimento de novas mercadorias que aparecem para suprir demandas (BAUMAN, 2008).

Os homossexuais entrevistados disseram consumir o Pub pelos mesmos motivos: escapar da homofobia, se divertir e obter encontros amorosos.

*Me sinto à vontade lá. Sem medo de dançar como eu quiser, de beijar quem eu quiser. Não posso fazer isso em outros lugares sem medo dos olhares tortos ou de agressão (Matheus, 26 anos, gay, negro, estudante).*

*Se não for pra eu ser quem sou, eu prefiro ficar em casa. No Pub eu posso ser quem eu sou, me vestir do jeito que quiser, beijar meu namorado. Não é a mesma coisa nos outros lugares. As pessoas que frequentam gostam das mesmas coisas que eu, se vestem parecido. Isso é importante, sabe!?* (Lucas, 28 anos, gay, branco, advogado).

Nota-se que esses gays que expuseram seu medo de “ser quem são”, ou seja, serem percebidos enquanto gays, disseram, juntamente com a maior parte dos outros entrevistados, não sofrerem homofobia. Contudo, nas nossas conversas, os entrevistados deixavam escapar, sem perceber, que vivenciavam a homofobia não só nos espaços de consumo, mas também no próprio cotidiano. A homofobia, então, parece ser invisível para eles. Nos momentos em que os dominados colocam seus pensamentos e percepções sob as estruturas de conformidade com a “dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são [...] atos de reconhecimento, de submissão”. É por meio da visão dos dominantes, segunda a ótica bourdieusiana, que dominados percebem a dominação como natural, o que por vezes leva à autodepreciação ou ao autodesprezo. A violência simbólica funda-se quando os dominados

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

avaliam a si mesmos e aos dominantes (e a dominação, por consequência) de uma maneira que é resultado da naturalização das relações de dominação.

Essa violência simbólica, por sua vez, é um tipo de poder que atua sem coerção física, apoiado em predisposições postas no corpo. Esse tipo de força é exercida de forma invisível, insidiosa, por meio da familiaridade não percebida com uma estrutura preestabelecida. Por vezes, esse “conhecimento” e “reconhecimento” levam a sentimentos (amor, admiração) e ações como o gaguejar, o enrubescer ou a autoexclusão, em acordo com o julgamento dos dominantes. Entretanto, sempre existe espaço para uma luta cognitiva, o que gera a possibilidade de resistência. Existe então a possibilidade dos dominados resistirem contra o efeito de imposição simbólica por meio de interpretações antagônicas oferecidas pela indeterminação parcial de certos objetos (BOURDIEU, 1999).

Observou-se e foi relatado por alguns dos homossexuais entrevistados que existe um desejo de ter relações com homens que encarnam o papel da virilidade masculina tradicional, existindo um desejo maior por homens ativos, com posturas, relações e vivências heterossexuais, que os possuam, mesmo que para isso tenham que pagar, como no caso de Maicon, 52 anos, branco, professor universitário, que confessou ter se relacionado algumas vezes com homens “heterossexuais” – como são percebidos pelo entrevistado – pagando-os ou dando “uma ajudinha”.

Alguns dos entrevistados, como Matheus (32 anos, gay, branco, desempregado) e Olívio (20 anos, gay, negro, vendedor de roupas) afirmaram com desgosto e desdém que “*Campos só tem passivos*”. A categoria “passivo” refere-se a homossexuais que são ou querem ser penetrados ou que apresentam trejeitos “femininos”. Em outros momentos, comentários como “*Campos não tem ativo*” foram feitos, o que dificultaria, segundo os entrevistados, um tão esperado envolvimento amoroso, deixando explícito que,

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

para eles, a única possibilidade de envolvimento seria com um outro homem que encarnasse os valores de masculinidade: “ativo”, agressivo, o que penetra.

A relação sexual é uma relação social de dominação, porque é construída pelo princípio de divisão fundamental entre o masculino (ativo) e o feminino (passivo), e também porque esse princípio tem relação com o desejo, criando-o, organizando-o, dirigindo-o e expressando-o. Nas relações homossexuais, onde as ligações entre sexualidade e poder são mais visíveis, o ativo penetra, possui, com sua penetração tida como *libido dominandi*, afirmando sua “superioridade”, “feminizando” o outro, o passivo, que por ser penetrado é percebido (e percebe a si mesmo) como “feminino” (WELZER-LANG, 2001). Nesse sentido, a maior parte dos homossexuais com quem se teve contato no campo, como Fernando (27 anos, branco, gay, capixaba), dizem desejar – com muito decoro, para não enfrentarem uma pecha de “passivos” – parceiros “ativos”, com aparência e atividade sexual próximas da masculinidade tradicional e, assim, da heterossexualidade.

Enquanto muitos, como Fernando, almejam encaixar-se num padrão de masculinidade perto da heterossexualidade, outros já entendem essa masculinidade como algo danoso e como um fator que divide os homossexuais, segregando tipos como os “mais afeminados” e os passivos sexualmente. Muitas vezes, a autoafirmação enquanto “bicha”, “viado” ou até mesmo “gay” perpassa por um “empoderamento”, similar ao “assumir-se” ou ao “orgulhar-se”, possibilitando aos homossexuais observados não só uma aceitação aparente de si mesmo e dos outros, mas também um questionamento social das normas de gênero/sexualidade.

A categoria de “gênero” aparece no estudo a partir do momento em que “masculinidade” e “feminilidade” se fazem presentes no discurso dos homossexuais entrevistados, que se preocupam em ser mais “masculinos” e menos “afeminados” ou tentam se afastar do estereótipo da “bicha pão-com-ovo”, pecha recorrente que se refere a gays pobres, afeminados e periféricos; o



## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

que também nos mostra uma tentativa de distinção social que atravessa o capital econômico e cultural. Assim:

Não se trata apenas da rejeição à ideia de feminilidade associada à homossexualidade masculina – ideia que a figura da bicha parece personificar –, mas da associação entre esse modelo classificatório englobado por gênero e as classes populares. O problema não é ser “feminino”, mas sim se aproximar da bicha popular, como se esta carregasse algum tipo de traço de um mundo arcaico e superado (FRANÇA, 2012, p. 262).

Encontramos alguns campistas, como Henrique (24 anos, branco, gay, universitário), Gustavo (25 anos, branco, gay, médico) e Marcelo (26 anos, branco, gay, desempregado), que – embora vivenciem os espaços LGBT e, dentro de seu círculo de amigos, seja de conhecimento de todos que são homossexuais – não se “assumem” para a família e a sociedade em geral, ou seja, sua homossexualidade não é exposta, e estes entrevistados agem – ou tentam agir – como heterossexuais, inclusive simulando namoros. É importante notar que todos esses entrevistados são – ou dizem ser – de famílias tradicionais de Campos dos Goytacazes, e evidenciam sentimentos de vergonha diante da possibilidade de exposição da família por conta da homossexualidade.

Dos tipos de performances percebidas nos nossos pesquisados, encontrou-se um padrão de estilo no Pub, no Bar e, em menor proporção, no Boteco. Esse padrão está atrelado a roupas de marca e a um estilo “chillibeans”, como muitos dos entrevistados informaram, além de roupas e acessórios (relógios, pulseiras, óculos, tênis e mochilas) de marca (ou expostos como tal) e penteados da moda – com a maior parte dos gays apresentando o mesmo corte de cabelo, o *side part undercut*, no qual as laterais da cabeça (ou uma das laterais) são raspadas, e o cabelo liso (na maioria das vezes alisado graças a tratamentos químicos) é colocado para o lado –, o que parece ser motivo de piada para homossexuais que não fazem parte desse padrão.

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

Bermudas acima do joelho, sapatênis e camisas justas consolidam praticamente um uniforme nas batalhas simbólicas dos espaços gays da cidade, onde cada turma/grupo deseja mostrar ser mais “cool” (legal, descolado em inglês), mais “carão” do que a outra.

A expressão “carão” ou “fazer carão” foi ouvida inúmeras vezes, utilizada por quase todos os atores com quem conversamos para designar algum gay ou grupo de gays percebido como antipático, fechado à participação de outros homossexuais, percebidos como indesejados. Entretanto, os próprios entrevistados que categorizaram outros gays como “carão” e antipáticos foram percebidos do mesmo modo. Percebemos que os mesmos gays que desejam ser tratados com simpatia/respeito por seus pares utilizam marcadores geracionais, de classe e de cor/raça, bem como da suposta “passividade” advinda de trejeitos “femininos”, para menosprezar e excluir outros gays de sua vivência.

Outros estilos também são recorrentes. Algumas pessoas com quem conseguimos dialogar sobre o assunto identificaram-se como “geeks” ou “nerds” e relataram um elevado consumo de séries televisivas e camisetas, bem como o interesse em festas ligadas a ícones pop da música, como Lady Gaga, Rihanna, Madonna, Beyoncé e outras “divas gay”, como os próprios as nomeiam. Foi difícil perceber a distinção entre “geeks” e gays “chillibeans” ou “carão”, tendo em vista que muitas das características atribuídas às categorias podiam ser encontradas em quase todos com quem conversamos. Sobre o “carão”, França (2012, p.65) expõe que essa é uma “categoria nativa e expressa uma atitude esnobe ou desprezo em lugares de sociabilidade”. Esses “carões” também indicam marcadores de cor/raça e classe, apontando exclusões e delimitações de fronteiras. Em Campos, indicam também quem é campista, especialmente os de família “tradicional”, e quem não é, de modo que todos com quem conversamos/entrevistamos que não eram nascidos na

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

cidade de Campos dos Goytacazes, descreviam os nascidos aqui como “carão”, “metidos”, “arrogantes”, “mal-educados”.

Nesse sentido, o crivo sobre as pessoas que são desejáveis ou não passa ainda pelo local de nascimento. Os grupos “modernos” massificam tendências que são absorvidas por grupos sociais que não pertencem a essa categoria, como meio de diferenciar-se de outros grupos. Nesse sentido, classe, cor e capital econômico e cultural são mobilizados como elementos de segregação. Assim, os gostos e orientações estéticas são conferenciados entre os distintos públicos e massificados e incorporados de modo peculiar em cada lugar à proporção que novas diferenças são criadas.

Decerto, a sensação de pertencimento a uma identidade gay traz alguns benefícios, como a possibilidade de compartilhar conhecimentos e vivências difíceis de conversar com pessoas que não os seus pares. Contudo, percebeu-se em algumas falas e comportamentos um certo medo e insegurança em ostentar uma “identidade gay”, especialmente em público ou em “lugares hétero”. Alguns entrevistados disseram que o Pub era um bom lugar para “dançar” ou para “pegação” por ser “fechado”, impossibilitando quem está do lado de fora do espaço (ou passando de carro) enxergar quem está dentro, de modo que, na percepção dos frequentadores, uma vez que um indivíduo entra nesse espaço, mais especificamente no dia voltado a gays e lésbicas, esse ou identifica-se enquanto homossexual ou “não tem preconceito”, constituindo a categoria referida comumente como “simpatizantes”.

O medo de não estar “adequado”, comum às sociedades do consumo, também foi percebido em alguns momentos:

*Na primeira vez eu vim ao Pub em festa gay e me arrependi. Tinha saído de casa com uma camisa xadrez horrível. Todas as outras pessoas estavam “estilosas”, com roupa de marca, e eu parecendo um “roceiro” (Fernando, 27 anos, branco, gay, doutorando, capixaba).*

*Já sou negro. “Viado” não gosta de preto, quanto mais se eu estiver “molambento”, desarrumado. Por isso que malho e tento*

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

*me vestir o melhor que posso. Para poder ser atraente, sim, mas também pra me sentir bem nos lugares e bem comigo mesmo* (Daniel, 23 anos, negro, gay, desempregado, campista).

As pessoas precisam fazer escolhas assertivas para ganharem um lugar na sociedade dos consumidores (BAUMAN, 2008, p.82), de modo que um mercado segmentado, como o LGBT, precisa ainda mais de cuidados por parte dos consumidores, “fechando-se” quando estes não estão de acordo com o padrão requerido e abrindo-se quando estão. Como os frequentadores do Pub e do Bar, especialmente os primeiros, que valorizam a cultura estadunidense em detrimento da cultura nacional, talvez devido à globalização pós-moderna que cria uma série de identificações com elementos populares tidos como globais, como o pop, as divas, as séries e as dragqueens.

Dos homossexuais com quem conversamos, todos relataram que, quando saem para se divertir, desde tomar uma simples cerveja até dançar em boates, eles almejam ir para lugares frequentados por bastante homossexuais ou, pelo menos, para lugares em que a homossexualidade não é percebida como um problema, ficando, assim, à vontade para flertar com outros homens, promover encontros e até mesmo sentir-se seguros para “ser quem são”, sem lidar (ou lidando em menor proporção) com atos homofóbicos. A “preferência” por pessoas do mesmo sexo pode aproximar pessoas com a mesma “preferência”, contudo, os gostos e os bens de consumo podem interferir, criando barreiras (FRANÇA, 2012, p.55).

Os lugares adquirem significados no contato com as pessoas e na sua relação com os outros lugares. Nos bares e boates, espaços de sociabilidade de maior destaque em relação ao mercado voltado para gays, lésbicas e simpatizantes, são remodelados os padrões de homossexualidade, manifestados por meio de roupas, aparência, gosto musical e postura corporal, além do consumo de bens que se encontram dentro dos espaços, como cigarros, cervejas, drinks e outras bebidas alcoólicas. No consumo desses

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

bens, as mercadorias encontram especificidades ao conectar-se com o consumidor, demonstrando uma ligação com esses indivíduos/grupos, com atributos de suas personalidades, como signos de identidade e significantes de suas relações, construindo e organizando subjetividades.

No início da pesquisa, nenhum dos estabelecimentos afirmados pelos homossexuais como lugares onde poderiam “se sentir mais à vontade” ou encontrar parceiros afetivo-sexuais declararam-se LGBT. No decorrer da pesquisa de campo, apenas o Pub assumiu uma postura de declarar que a casa tinha um dia gay, mesmo que essa não fosse a intenção original. Diferente das cidades grandes, onde um forte mercado voltado para homossexuais segmenta-se na tentativa de abranger uma gama de identidades distintas, a cidade de Campos dos Goytacazes possui pouquíssimos espaços de homossociabilidade, de modo que nestes é muito mais fácil perceber um padrão com poucos estilos e uma identidade muito próxima.

Os sujeitos conferem significados aos espaços, atribuindo a esses uma dimensão simbólica, instituindo-os como lugares que, sincronicamente, competem para constituir os indivíduos, fornecendo referências e vivências que possibilitam a agência das pessoas e conseqüentemente produzem o reconhecimento e simpatia destas em relação aos lugares frequentados. As atividades de consumo, atreladas ao lazer, são frutos da organização, por parte das pessoas, do chamado “tempo livre”, e têm como objetivo gerar algum prazer. Por vezes, para muitos homossexuais, é unicamente nesses lugares GLBT que se pode vivenciar a afetividade e até mesmo expor a homossexualidade. Os lugares também acarretam discursos e práticas quanto ao consumo, perpassados por marcadores sociais, geracionais, de gênero, sexualidade, classe social e cor/raça.

O padrão de um homossexual desejado está de acordo com o estilo exigido para fazer parte do consumo gay em Campos dos Goytacazes, traduzindo-se na cor/raça branca, sem pelos (“liso”), novo (entre 18 e 27 anos),

## **INTER-LEGERE**

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

com o cabelo liso com corte da moda e, se possível, olhos claros. Simões (2011), França (2012) e Macedo (2010) pontuam uma “hierarquia estética” presente no “mundo gay” onde existem elementos, como classe ou cor/raça, que, embora velados, têm um forte impacto nas vivências, indicando status e atuando como os bens de consumo.

### **ENTRE O OSTRACISMO E A ADAPTAÇÃO**

Apesar de todos os avanços que podemos citar em relação ao estado do Rio de Janeiro, a cidade de Campos dos Goytacazes, localizada no Norte Fluminense, é palco de contradições de uma vida homossexual que alterna entre o ostracismo e falência dos lugares LGBTs e a inserção dos homossexuais em locais tidos como mistos, onde muitas vezes são punidos por exercerem sua afetividade. Permeia um descompasso entre a cidade de Campos dos Goytacazes e outras cidades do estado do Rio de Janeiro, de modo que muitos homossexuais que não são da cidade, pertencentes a outros locais do interior fluminense ou a outros estados, percebem na cidade de Campos a possibilidade de incidir em um estilo de vida gay ligado à cultura pop e às redes de amizade – percebidas por Vieira como fundamentais para as vivências e (homo)sociabilidades –, ao passo que grande parte dos nascidos no local têm como vivência o armário e a clandestinidade por conta da tradicionalidade familiar e da cidade.

Os bens transmitem mensagens sobre a hierarquia e a estratificação de pessoas, e o consumo é aceito e imposto também de acordo com fatores como classe, gênero (afeminado/masculino) e cor/raça, dentro da dimensão simbólica do espaço. Existe toda uma intencionalidade, nos atores pesquisados, de exibir sua posição social por meio de um estilo atrelado ao consumo, que por sua vez possibilita uma maior inserção nos ambientes. Os bens de consumo são responsáveis tanto pela inclusão social quanto pela

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

criação de barreiras que comumente excluem os homossexuais com baixo poder de consumo ou pertencentes a categorias identitárias não hegemônicas, deixando de fora desse circuito homossexuais negros, mais velhos (os “coroas”), “afeminados” (ou percebidos assim) e soropositivos. Pensamos, então, que múltiplos elementos constituem as identidades gays, como gênero (homem), cor/raça (branco, negro, pardo, etc), a classe social e a pertença a uma identidade local (campista, carioca), regional (nordestino, sudestino) e nacional (brasileiro, estadunidense). Nesse sentido não percebemos uma “identidade gay” homogênea ou uniforme na cidade de Campos dos Goytacazes, embora existam alguns padrões, mas entendemos identidades plurais e interceptadas por marcadores sociais.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRITO, Joaquim Paes. O fado: etnografia na cidade. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 24-42.

## INTER-LEGERE

---

DO BAR AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E IDENTIDADE GAY EM  
CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Joseane de Souza  
Rafael Simões Mendes Oliveira

CRUZ, José Vianna. Origem, natureza e persistência das desigualdades sociais no Norte Fluminense. In: CARVALHO, Ailton Mota; TOTTI, Maria Eugenia Ferreira (Org.). **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Faperj; Garamond, 2006.p. 69-97.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SIMÕES, Júlio. Marcadores de diferença na “comunidade LGBT”: raça, gênero e sexualidade entre jovens no centro de São Paulo. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 157-174.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a cidade armário: quotidianos lésbicos e gays em espaço urbano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa,v. 1, n. 1, p.5-13, jan./jul. 2010.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9 n. 2, p. 460-482, 2001.